

INVESTIGADOR DO CES E EX-LÍDER DA CGTP

"A pobreza é demolidora para a democracia"

APESAR DO SINDICALISMO NÃO ESTAR NA MODA, A SOCIEDADE PRECISA DE SE ORGANIZAR PARA ENFRENTAR OS NOVOS DESAFIOS SOCIAIS. DESEMPREGO, PERDA DE DIREITOS E DEMOCRACIA ENFRAQUECIDA SÃO BONS MOTIVOS PARA O SURGIMENTO DE NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS

POR HELENA C. PERALTA
FOTOGRAFIA ARTUR

Manuel Carvalho da Silva, 63 anos, teve uma juventude pacata e pouco ontestatária mas acabou nas malhas do sindicalismo e da reivindicação.

Foi sindicalista ativo durante quase quatro décadas e liderou a CGTP ante 25 anos. Graça ao dizer que foi "ao engano" por três anos e acabou por ficar 37. Acredita que uma nova era mundial está a surgir e que as gerações mais jovens partem de um patamar mais alto para fazer face aos problemas sociais. E vão consegui-lo.

**saram três meses desde que dei-
o sindicalismo de forma ativa.
stou-lhe iniciar este novo ciclo?**

mpre encarei a função sindical
perspetiva de que se é sindic
a porque se trabalha por conta
alguém. O que aconteceu é que
eu retorno ao posto de trabalho
foi o normal porque estive muito
po na direção da CGTP. No ano
sado, já a preparar a minha saí-
pus fim ao vínculo de trabalho
mantinha com a multinacional
EH, da Trofa, desde 1973. Desde
ício dos anos 80 que já não exer-
atividade pois estava no executi-
la CGTP, em Lisboa. Fruto dessa
dança de vida e de alguma for-
ção que fui fazendo, as possibili-
es de trabalho agora não podiam
as de origem.

No final de 2009 comecei a ligar-me
ao Centro de Estudos Sociais da Uni-
versidade de Coimbra (CES). Estive
no início da preparação do pólo do
CES, em Lisboa, que agora coordeno,
e a partir de março do ano pas-
sado passei a integrar os quadros da
Lusófona, na área da Sociologia e
Ciências da Educação. Foi uma fase
da minha vida, a função terminou e
não há em mim nenhum resquício,
nenhuma frustração.

**A ligação ao CES é também uma for-
ma de intervenção na sociedade?**

O CES é um centro de investigação
prestigiado, com um enorme coletivo
de investigadores, sendo um labora-
tório dedicado aos problemas sociais.
Tem uma cultura que incorpora todas
as áreas do pensamento mas que tem
um forte sentido de análise crítica.

Isso para mim é positivo porque o sin-
dicalismo tem uma génese idêntica,
de constante questionamento, e pro-
curaremos ter alguma intervenção so-
ciopolítica. Lançámos o Observatório
da Crise e Alternativas, cuja coordena-
ção me está atribuída, e recorreremos
a conferências que despertem a aten-
ção da sociedade.

**O gosto pelas Ciências Sociais e a op-
ção pela Sociologia são consequência
da experiência como sindicalista?**

Acabou por ser. Em criança tinha o
sonho de estudar na universidade.
Não tive possibilidade porque come-
cei a trabalhar muito novo.

Em 1993, depois de uma crise na
CGTP, senti que precisava arrumar co-
nhecimentos adquiridos e aprofundar
outros. E foi isso que me levou a fazer
uma formação superior. Hesitei entre
Engenharia, Economia e Direito, mas
alguns amigos influenciaram-me a fa-
vor da Sociologia. Candidatei-me ao
ISCTE, preparei-me e entrei. O gosto
pela Sociologia surgiu pela arrumação
de conhecimentos e pela perceção de
proximidade entre as minhas motiva-
ções em olhar para a sociedade.

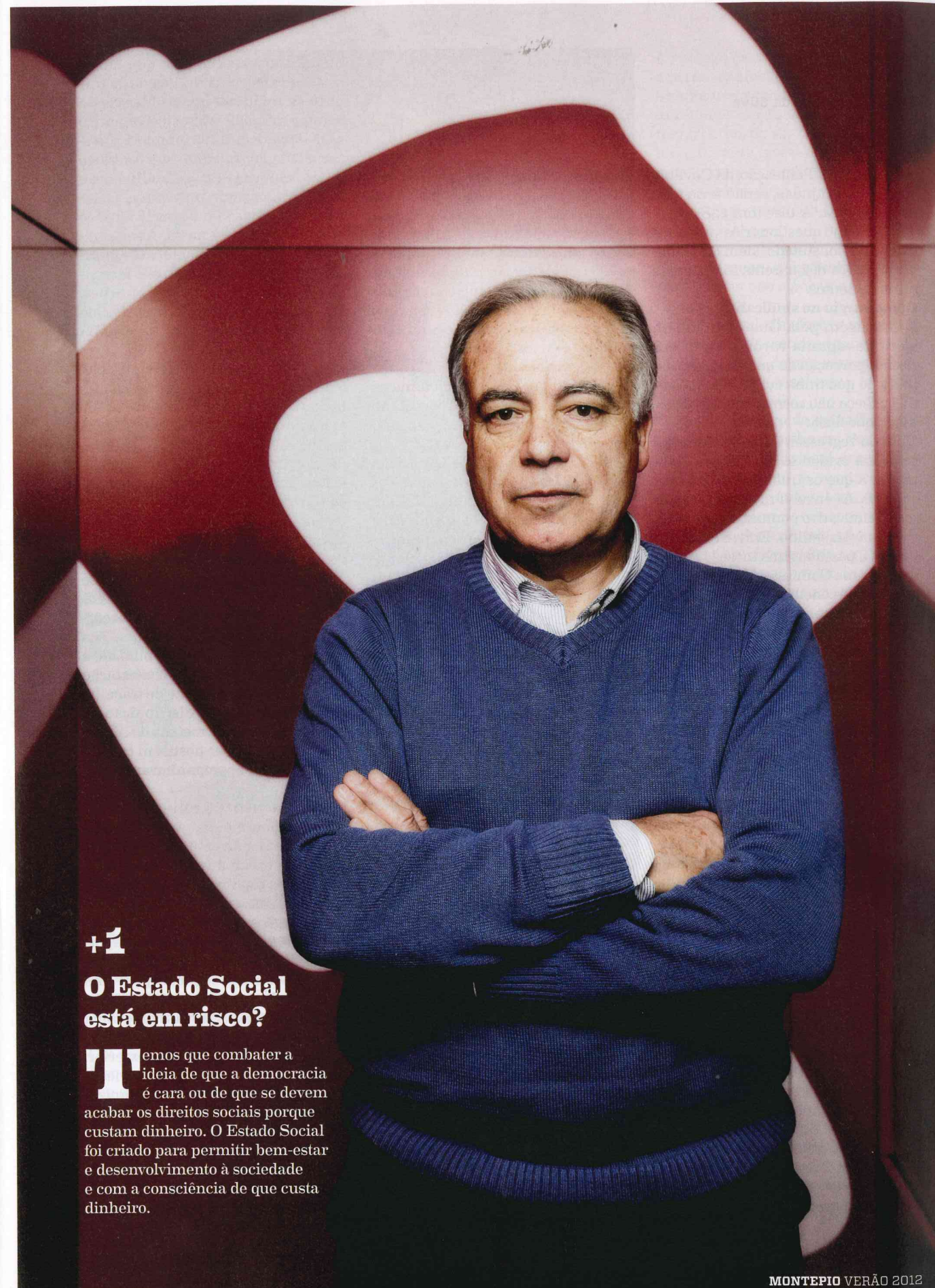
**Foi difícil conciliar os estudos com a
sua atividade na CGTP?**

Foi muito exigente. Tenho a sorte de
ser organizado e fazer uma boa gestão
do tempo. Um dos meus compromi-
sos com a CGTP era não diminuir a
atividade sindical. Fiz o curso entre
1995 e 2000. No quarto ano acabei por
ser o melhor aluno da escola e iniciei
o doutoramento. Estruturei o traba-
lho, apresentei-o a alguns professo-
res, como Manuel Villaverde Cabral
e José Madureira Pinto, e candidatei-
me à Fundação Ciência e Tecnologia.

**Foi um doutoramento muito mediá-
tico. Sentiu alguma pressão por
ser uma figura pública e um dos
homens mais influentes do País?**

Não, não senti. Até tinha vantagem,
pois estava habituado a falar em pú-
blico. O problema foi a construção do
trabalho, que foi muito moroso.

O tema da tese é o lugar central do tra-
balho e é uma investigação sobre "Tra-
balho e Sindicalismo em Tempos de
Globalização". Não me limitei a ver a
questão do trabalho pelo lado dos tra-
balhadores e analisei três empresas do
ponto de vista da estratégia empresari-
al e estrutural ao longo de 35 anos: o
atual grupo PT, o complexo Grundig/
Blaupunkt, atualmente Delphi/Bosh,



+1

**O Estado Social
está em risco?**

Temos que combater a
ideia de que a democracia
é cara ou de que se devem
acabar os direitos sociais porque
custam dinheiro. O Estado Social
foi criado para permitir bem-estar
e desenvolvimento à sociedade
e com a consciência de que custa
dinheiro.

